

Alain de Benoist e a Nova Direita europeia: “gramscismo de direita” e nova “revolução conservadora”

Alain de Benoist and the New European Right: “right-wing Gramscism” and new “conservative revolution”

Francisco Thiago Rocha Vasconcelos*

► DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2022.163.009>

Foto: Pahl, Georg / Reprodução: <https://weimar.bundesarchiv.de/>



Panfletos do Partido Popular Alemão são arremessados de caminhão em rua de Berlim (1924) durante a República de Weimar, que viu florescer um clima de ressentimento especialmente entre as camadas médias. Dessa ambiência brotaria um novo contexto cultural, marcado pelo niilismo aristocrático e pelo crescimento das ideias conservadoras

RESUMO

O presente artigo aborda o surgimento e a evolução intelectual da Nova Direita europeia a partir dos anos 1960. Analisa-se a produção vinculada ao seu principal expoente, o filósofo francês Alain de Benoist, líder do *Grece — Groupe de Recherches et d'Études pour la Civilisation Européene* (Grupo de Pesquisa e Estudos sobre a Civilização Europeia) —, cujo projeto é criar uma teoria crítica radical de direita, alternativa ao liberalismo, ao comunismo e às formas pretéritas de fascismo racistas e nacionalistas. De maneira similar à Nova Esquerda, em sua crítica à União Soviética em nome do marxismo, a Nova Direita critica o antigo racismo nazista em nome de um arranjo político e societário baseado não no nacionalismo ou no racismo, mas no “direito à diferença” e em um federalismo étnico-cultural e ecológico. Através de um “gramscismo de direita”, ela busca conquistar a hegemonia cultural nas sociedades europeias, propondo uma modernidade alternativa, crítica ao liberalismo, ao socialismo, ao capitalismo e ao colonialismo. Os seus proponentes pretendem, nesse sentido, estar “além da esquerda e da direita”. Porém, não escapam à acusação de serem uma ressurgência do fascismo sob nova roupagem: desde suas origens a Nova Direita vincula-se a uma geração herdeira dos ideais da “revolução conservadora” do período entreguerras, muitos dos quais associados ao nazismo, mas sobretudo ao pensamento político Tradicionalista ou espiritualista pagão, crítico do individualismo cristão e do Iluminismo e defensor de sociedades baseadas no valor da hierarquia sacralizada.

Palavras-chave: Nova Direita. Alain de Benoist. Gramscismo de direita. Revolução conservadora. Fascismo.

ABSTRACT

This article addresses the emergence and intellectual evolution of the European New Right from the 1960s onwards. It analyzes the production linked to its main exponent, the French philosopher Alain de Benoist, leader of the *Grece — Groupe de Recherches et d'Études pour la Civilisation Européene* (Group for Research and Studies on European Civilization), whose project is to create a radical right-wing critical theory, an alternative to liberalism, communism and past forms of racist and nationalist fascism. Similar to the New Left in its critique of the Soviet Union on behalf of Marxism, the New Right criticizes former Nazi racism on behalf of a political and societal arrangement based not on nationalism or racism but on the “right to be different” and in an ethno-cultural and ecological federalism. Through a “right-wing Gramscism”, it seeks to conquer cultural hegemony in European societies, proposing an alternative modernity, critical of liberalism, socialism, capitalism and colonialism. Its proponents intend, in this sense, to be “beyond the left and the right”, however, they do not escape criticism of being a resurgence of fascism in a new guise: since its origins, New Right has been linked to a generation heir to ideals of the “conservative revolution” of the interwar period, many of which were associated with Nazism, but above all with Traditionalist or pagan spiritualist political thought, critic of Christian and Enlightenment individualism and supporter of societies based on the value of sacred hierarchy.

Keywords: New Right. Alain de Benoist. Right-wing Gramscism. Conservative revolution. Fascism.

1. INTRODUÇÃO

No presente texto abordamos o processo de renovação de grupos da direita política que procuram diferenciar-se, ao mesmo tempo, das “direitas tradicionais” — ligadas a ideais religiosos conservadores, como o ideal de família patriarcal e a defesa da propriedade e da estabilidade —, e da “extrema-direita” — racista, chauvinista, xenófoba e valorizadora de atos de ruptura terroristas ou revolucionários. *Nova Direita*, *alt-right* e *direita radical* são exemplos de classificações utilizadas para reunir as mais diversas tendências que, apesar da reivindicação, nem sempre conseguem se distanciar dos rótulos de extrema-direita ou de neofascismo, seja pelo compartilhamento de referências intelectuais, seja pela forma de ação no espaço público.

Nas páginas seguintes dissertaremos sobre como, a partir dos anos 1960, surge uma proposta de ação intelectual que se propõe como Nova Direita e que, apesar de vista como suspeita ou marginalizada, terá maior repercussão midiática, acadêmica e política com a tendência das direitas a se reorganizarem transnacionalmente nos anos 2000. A Nova Direita europeia ou transnacional tem em vista vários desenvolvimentos teóricos paralelos e muitas vezes conexos, como o *arqueofuturismo* de Guillaume Faye, a *Quarta Teoria Política* de Aleksandr Dugin, o *paleoconservadorismo* de Paul Gottfried, a *alt-right* de Richard Spencer e a *neoreaction* de Mencius Moldbug, entre outras propostas¹.

Analisaremos uma das suas principais vertentes, originada na França, a partir da ação do Grece — Groupe de Recherches et d’Études pour la Civilisation Européene (Grupo de Pesquisa e Estudos sobre a Civilização Europeia), que influenciará movimentos similares na Europa². Liderado pelo filósofo francês Alain de Benoist, o Grece passará, no espaço de cinco décadas, de 1960 a 2000, de um racismo mais estrito, na defesa da superioridade da raça branca, ao apoio a uma política “comunitarista”; da renovação da matriz ideológica de extrema-direita a posições que se aproximam de uma certa esquerda pós-colonial, terceiro-mundista e multiculturalista.

Na primeira parte do texto descrevemos as origens da Nova Direita na França, das agremiações da juventude mobilizada pela Guerra da Argélia, cuja defesa dos valores nacionalistas, racistas e militaristas remonta a certos vínculos com as ideologias fascistas, até o desenvolvimento da estratégia do Grece e o primeiro momento de polêmica político-midiática, em 1979, a partir do qual diferenciações entre os grupos que integram a Nova Direita se tornam mais explícitas.

Em um segundo momento, abordamos o papel de Alain de Benoist como representante de uma nova direita antagonica tanto ao Front National como aos neo-liberais, com o desenvolvimento mais consequente do “gramscismo de direita” e da

¹ Para uma visão geral das teorias da revolução conservadora e da Nova Direita, cf. Sedgwick (2019).

² Na Itália, a *Nuova Destra*, de Marco Tarchi; na Alemanha, a *Neue Rechte*, de Henning Eichberg e de Junge Freiheit; em Flandres, com Luc Pauwels e a revista *TeKos-Tekste*, e na Bélgica, o *Grece-Belgique*, com Georges Hupin e Robert Steuckers (CAMUS, 2019).

“metapolítica”³, através de uma recusa da tradição da direita cristã, nacionalista e xenófoba. Por meio de suas produções, vínculos transnacionais e aparições midiáticas, Alain de Benoist torna-se o principal representante de um pensamento que busca ultrapassar as divisões convencionais entre esquerda e direita, aproximando-se do “terceiro-mundismo”, do anticolonialismo, do respeito às diferenças culturais, da ecologia e da crítica à globalização. Nos anos 2000, essa síntese originou uma plataforma política mais completa, de defesa de uma política multicultural federalista de democracias locais para a Europa.

Por fim, buscamos explicitar o quanto esse conjunto teórico que se pretende inovador é devedor do pensamento político do pessimismo filosófico, romântico e de direita dos séculos XVIII e XIX, mas, principalmente, da chamada “revolução conservadora” na Alemanha, nebulosa ideológica de direita reacionária radical, anticapitalista e antimoderna, cuja resultante política principal, embora não a única, foi a fundamentação do regime nazista. Demonstraremos, nesse sentido, que o pensamento da Nova Direita foi fruto de um longo trabalho de atualização e reinterpretação do legado da “revolução conservadora”, não buscando resumi-la ao nazismo, mas ampliá-la, no sentido de um neopaganismo federalista antiliberal, anticomunista, anticapitalista e anticolonial que, entretanto, não ultrapassa os limites da direita política, ligados a uma nova ordem conservadora tradicional e valorizadora da pureza étnico-cultural.

Utilizamos como base para o ensaio a já considerável produção sobre a Nova Direita francesa. Através de pesquisa em portais de busca de artigos acadêmicos — *Google Acadêmico*, *JSTOR* e *Persée*, em língua portuguesa, francesa, espanhola e inglesa, localizamos cerca de 50 produções, entre artigos, resenhas, dissertações e teses a respeito do tema, além da própria vasta produção de Alain de Benoist, da qual coligimos mais de 30 produções, além de vídeos disponíveis na plataforma *YouTube*. Uma análise aprofundada desse *corpus*, o qual se faz necessário ainda cotejar com bibliografia a respeito dos temas extrema-direita, fascismo, neofascismo e revolução conservadora, é tarefa de um programa de pesquisa dialogada com a comunidade acadêmica mais ampla. No presente artigo, optamos por uma visão geral, considerando alguns dos temas e autores fundamentais.

2. A GÊNESE DA NOVA DIREITA FRANCESA

Nos anos 1960 a extrema-direita francesa está em crise. O fim da Segunda Guerra Mundial e o processo de descolonização marginalizam as teses do expansionismo nacionalista, marcadas também pelo compromisso com o regime nazista e por atos terroristas. O início da construção do Estado de bem-estar social e da sociedade

3 Como veremos ao longo do texto, o conceito de metapolítica se refere a uma estratégia de atuação cultural como fundamento da dominação política no longo prazo; o termo, utilizado pela Nova Direita, provém de duas fontes principais: 1) do pensamento marxista de Antonio Gramsci a respeito da conquista da hegemonia e do poder político; 2) da escola Tradicionalista, significando uma interpretação do sentido último da política na história (BUELA, 2013).

Buscamos explicitar o quanto esse conjunto teórico que se pretende inovador é devedor do pensamento político do pessimismo filosófico, romântico e de direita dos séculos XVIII e XIX, mas, principalmente, da chamada “revolução conservadora” na Alemanha, nebulosa ideológica de direita reacionária radical, anticapitalista e antimoderna, cuja resultante política principal, embora não a única, foi a fundamentação do regime nazista

de consumo de massas fará convergir a direita parlamentar para um conservadorismo cada vez mais distanciado de posições radicais. No período dessa transição, grupos de jovens intelectuais pretendem conservar a doutrina anti-igualitária da extrema-direita, racista, nacionalista e colonialista. Esses jovens se reúnem, desde os anos 1950, em organizações como o movimento Jeunes Nationalistes e a Fédération des Étudiants Nationalistes (FEN), envolvidos com a resistência à independência da Argélia e articuladores de campanhas eleitorais de candidatos de extrema-direita, do Mouvement Nationaliste du Progrès (MNP) e do Rassemblement Européen de la Liberté (REL), derrotados nas eleições presidenciais de 1965 e legislativas de 1967. Entre os lemas principais das campanhas estavam ideias nacionalistas e anticomunistas, sustentando o medo de uma “invasão” de imigrantes árabes-africanos e um racismo biológico que fazia equivaler a defesa do Ocidente à defesa da raça branca e da “unidade de destino” da comunidade europeia ante os “dois imperialismos”, dos Estados Unidos e da União Soviética (TAGUIEFF, 1993).

Com a dissolução do REL esses grupos de extrema-direita se orientam em diferentes direções: alguns ingressam na política, inicialmente no Front National (de 1973 a 1979), e, posteriormente, rompendo com a orientação “lepenista”⁴ e criando o Parti Nationaliste Français, em 1983; outros fundam centros de estudo e apoiam ou criam revistas como a neofascista *Défense de l'Occident* e as nacionalistas-revolucionárias de direita *Europe-Action* e *Cahiers Universitaires*.

⁴ Relativo à liderança de Jean-Marie Le Pen, cinco vezes candidato à Presidência da França, e suas posições xenófobas, racistas, antisemitas e negacionistas do Holocausto.

O principal líder político e teórico desses movimentos de extrema-direita era Dominique Venner⁵, para o qual se faria necessária uma estratégia contraleninista para os nacionalistas franceses (VENNER, 1964). Para ele, não haveria condições, àquele momento, para nenhuma revolução de direita, nem a partir de um simples golpe de Estado nem mesmo pela via legal, através da concorrência entre partidos: seria necessária uma estratégia de longo prazo baseada na construção de uma organização política e de uma doutrina. É nesse contexto que é criado o Grece, grupo de reflexão a partir do qual se dá continuidade ao pensamento nacionalista-revolucionário de direita e, posteriormente, à sua redefinição⁶. Será em torno dessas iniciativas que a liderança de Alain de Benoist, então um jovem jornalista de 24 anos, começará a se destacar.

A proposta contraleninista de Venner (1964) e o “gramscismo de direita” de De Benoist (1982), que pode ser definido como uma tentativa de conquista do poder pela cultura, são fatores cruciais para a Nova Direita cultural. O objetivo é retirar a extrema-direita do gueto, o que teve início com uma crítica virulenta das simbologias e repertórios ligados ao fascismo histórico, feita por Venner (1964), qualificado como o *Que fazer?* (LÊNIN, 2010) da extrema-direita francesa (KEUCHEYAN, 2017). A ideia é penetrar os meios culturais, criar revistas e associações voltadas a diferentes categorias socioprofissionais. No lugar da ação política pragmática ou partidária, enfatiza-se a mudança no plano cultural e ideológico como sustentação de um novo horizonte político no longo prazo. A essa estratégia a Nova Direita nomeia, seguindo os ensinamentos do filósofo italiano Julius Evola⁷, metapolítica (FRANÇOIS, 2005). Nesse sentido, o grupo se dedicará a uma “guerra cultural” contra a esquerda⁸, especialmente a marxista:

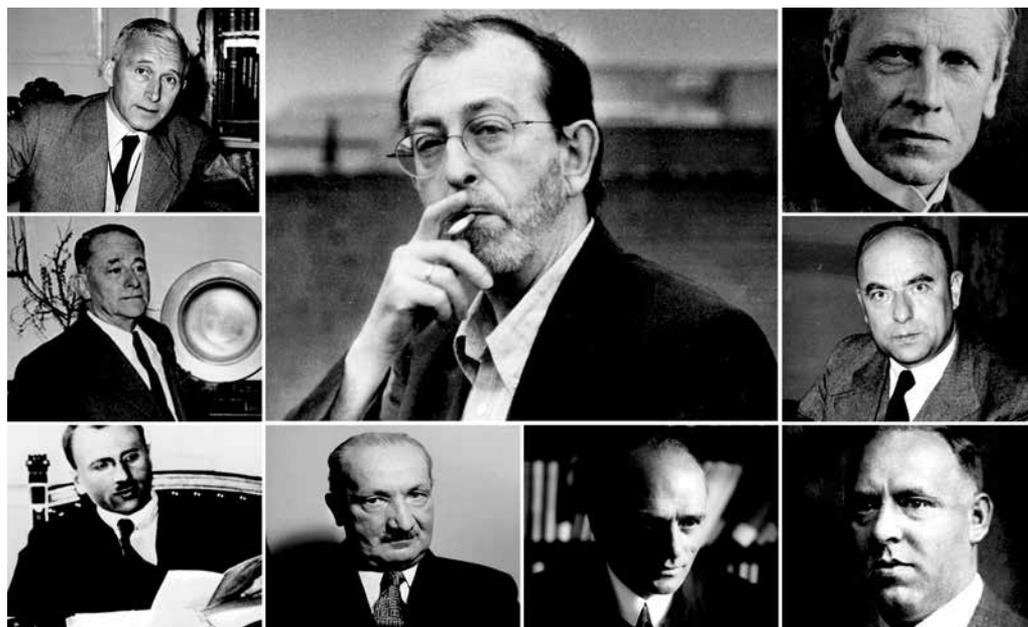
De início, penetrando nos meios comunicacionais e universitários para implantar uma “contracultura” de direita. Organizando, em seguida, uma contraofensiva intelectual combinada, a partir do “centro” formado pelo Grece e suas redes. Por fim, estabelecendo várias pontes entre os lugares culturais “conquistados” e os partidos políticos de direita, a fim de reformá-los intelectualmente a partir de dentro. Esta é a grande novidade do Grece: levar a sério, à direita, a questão “cultural”. As direitas

5 Historiador e militante histórico da extrema-direita francesa — combatente na Argélia entre 1954 e 1956; preso por dois anos em razão de uma tentativa de golpe em 1961. Tornou-se conhecido mundialmente, em 2013, em razão de seu suicídio na catedral de Notre Dame, em Paris, como protesto contra a aprovação do casamento gay na França.

6 Entre os integrantes do grupo constam François d’Orcival (pseudônimo de Amaury de Chaunac-Lanzac), Fabrice Laroche (pseudônimo de Alain de Benoist), Jean-Claude Rivière, Alain Lefebvre, Maurice Rollet, Jean Mabire e François Duprat (cofundador do Front National). O Grece terá duas revistas, a *Nouvelle École* e a *Éléments*, e organizará regularmente colóquios e seminários.

7 Julius Evola (1898-1974) foi um filósofo italiano de origem aristocrática que influenciou o fascismo. Depois de se envolver com a pintura e a poesia participando dos movimentos futuristas e dadaístas, Evola se ligou ao misticismo e ocultismo e à filosofia Tradicionalista, que será detalhada no decorrer deste artigo.

8 “Entramos em uma guerra cultural. As nações e os povos da Europa encontram-se ameaçados de aniquilação por uma agressão invisível, que afeta a sua constituição mental [...]. É também uma guerra civil. O veneno ideológico que varreu o mundo antigo está fixado no coração da civilização europeia.” (ÉLÉMENTS, 1979, p. 3, tradução nossa)



Pensadores que integraram a “revolução conservadora” na Europa, especialmente na Alemanha: a partir do alto, à esquerda, em sentido anti-horário: Ernst Jünger, Carl Schmitt, Ernst Niekisch, Martin Heidegger, Othmar Spann, Gregor e Otto Strasser e Ludwig Klages. Ao centro, em destaque, o filósofo Alain de Benoist, que se inspirou na “revolução conservadora”

políticas haviam abandonado o campo cultural-intelectual à esquerda marxista ou marxizante, enquanto os movimentos nacionalistas radicais (“extrema-direita”) estavam engajados em um ativismo com forte conotação anti-intelectual [...] ligado a uma revolta de tipo populista (TAGUIEFF, 1993, p. 8, tradução nossa).

Assim, apesar de ser incorreto afirmar que a Nova Direita surge em razão do Maio de 1968, pois sua história remonta a fatores anteriores, ela se organizará também em concorrência com a Nova Esquerda, que renovará o marxismo através da crítica ao stalinismo e do favorecimento a uma cultura política democrática, tornando-se hegemônica nos meios universitários e políticos. A proposta de um “contraleninismo” e de um “gramscismo de direita” revela uma estratégia de reflexão que não ignora o conteúdo dos principais teóricos marxistas nem os temas da esquerda, como a diferença cultural, o antirracismo, o anticolonialismo, a ecologia e o anticapitalismo, mas procura incorporá-los em uma síntese afinada com um repertório político diferenciado e oposto.

Essas mudanças serão progressivas. No início, os “grecistas” ainda estão muito ligados aos marcos da herança racista e nacionalista do pensamento de extrema-direita. As primeiras iniciativas visam incentivar o debate e a pesquisa sobre o racismo biológico, a sociobiologia, o determinismo biológico, a antropologia física e a psicologia hereditária, conciliando a questão racial com a questão nacional ou europeia. Em *Qu'est-ce que le nationalisme?*, por exemplo, Alain de Benoist afirmava:

A raça constitui a única unidade real que [...] abrange as variações individuais. O estudo objetivo da História mostra que somente a raça europeia (raça branca, caucasóide) continuou a progredir desde o seu surgimento no caminho ascendente da evolução dos seres vivos, ao contrário das raças que estão estagnadas no seu desenvolvimento, portanto em virtual regressão. A principal causa do progresso da raça europeia reside no fato de ela ter alcançado o progresso de fatores cumulativos, ciências e técnicas, cujo encadeamento forma a civilização ocidental. A raça europeia não tem superioridade absoluta. Ela é apenas a mais apta a progredir no sentido da evolução [...]. Sendo os fatores raciais estatisticamente hereditários, cada raça tem sua própria psicologia. Toda psicologia é geradora de valores (DE BENOIST, 1966, p. 8-9, tradução nossa).

Mas, a partir dos anos 1970, algumas mudanças começam a tornar o referencial teórico do movimento menos preso ao racismo biológico, até uma verdadeira “virada culturalista” nos anos 1980 (CRÉPON, 2010). Nesse contexto, o mesmo Alain de Benoist irá declarar: “Na medida em que é irredutível a essa constituição biológica, o homem enquanto homem não vem da natureza, mas da cultura; não da biologia, mas da história.” Isso faria com que “a relação mecanicista que a teoria racista introduz entre raça e cultura, relação de simples causalidade, nos parecesse, portanto, insustentável.” Por fim: “Falar de raças ‘superiores’ ou ‘inferiores’ parece, pois, duplamente absurdo.” (DE BENOIST, 1980, p. 15, tradução nossa)

No mesmo sentido, os grecistas renunciam ao apoio ao próprio colonialismo, motivação principal do engajamento desses jovens na política (CRÉPON, 2010). Para o Grece, seguindo o caminho do relativismo cultural e do respeito à integridade dos povos e culturas, continuar a sustentar o passado colonial é incompatível com uma Europa e uma ordem mundial fundadas na emancipação dos povos de toda forma de dominação estrangeira e na preservação da integridade das culturas tradicionais. A empresa colonial francesa teria origem na ideologia republicana, homogeneizante, assimilacionista e inferiorizadora de territórios e culturas. A República Francesa teria aplicado nos territórios estrangeiros a mesma lógica que aplicou na metrópole, aniquilando línguas e culturas regionais. A supremacia da razão iluminista, do individualismo e dos direitos humanos se mostraria hostil às singularidades culturais. Os “grecistas” demonstrarão um apreço aos povos “primitivos” e seu modo de vida tradicional, ameaçados pelo avanço do modo de vida ocidental sob a hegemonia estadunidense, que afetaria também os povos europeus. A esse anticolonialismo de direita — crítico também das formas de dominação econômicas e culturais através da globalização — irá se associar também um discurso antirracista, contrário ao “racismo de assimilação” promovido pela República Francesa em suas políticas de acolhimento e “aculturação” de imigrantes, distanciando-os das suas crenças tradicionais.

Essa perspectiva será exposta em *Europe, Tiers Monde, même combat* (DE BENOIST, 1986), que defende os países do Sul de toda ingerência ocidental como maneira de prevenir os países europeus de novas levas de imigrantes. Nos anos 1990, essa concepção ganhará uma forma mais definida, com o abandono da ênfase na defesa

da identidade francesa ou europeia perante a imigração, em nome de uma orientação que enxerga, nos imigrados, vítimas ameaçadas pelo assimilacionismo republicano, que recusaria o reconhecimento das especificidades culturais dos imigrantes na esfera pública (CRÉPON, 2010). A saída seria, pois, uma política de integração voltada não aos indivíduos, mas às comunidades, concedendo-lhes o direito de expressão de suas culturas. O Grece se voltará, nesse sentido, em desafio ao que concebem como autoritarismo da “ideologia laica” republicana, para o direito de as populações muçulmanas praticarem e expressarem sua religião em território francês, saindo em defesa do direito ao uso do véu por parte de jovens islâmicas nas escolas públicas. A integração das populações imigrantes deveria se pautar pela criação de associações comunitárias ou colegiados consultivos locais das diferentes comunidades étnicas ou culturais, em reforço às decisões coletivas sobre a vida comum. Isso permitiria, supostamente, manter as estruturas de vida coletiva e as tradições de cada população imigrante, no lugar da dissolução dos indivíduos na cultura geral do país de acolhimento.

Assim, a ação política que pressionava pela supressão da ajuda aos “países subdesenvolvidos” e o fim da imigração norte-africana se traduziu, teoricamente, em um “realismo biológico” conciliado com o respeito ao direito de cada povo a ser fiel à própria etnia e suas tradições, e, nesse sentido, no apoio a um “nacionalismo europeu”, que permitiria a cada nação e a cada cultura, em uma retomada de valores religiosos ancestrais pré-cristãos, desenvolverem-se em harmonia no interior de uma federação (TAGUIEFF, 1993; CRÉPON, 2010). Eles acabam por se diferenciar, nesse sentido, do nacionalismo e do cristianismo tradicionais da direita francesa, representada por Le Pen e o Front National (CRÉPON, 2010).

Eles se diferenciam ainda mais dos grupos de direita ao se aproximar, uma vez mais, das pautas de esquerda, ao se conceber como anticapitalistas e críticos ao liberalismo. Para De Benoist (2004), o desenvolvimento dos mercados, na forma de acumulação capitalista, é a supremacia do espírito burguês que, com o poder do dinheiro e com a mentalidade do cálculo, dissolve as tradições, quebrando os laços comunitários e orgânicos, substituindo princípios aristocráticos, como o cultivo da honra, pelo interesse individual. A narrativa pode lembrar, em alguns aspectos, a construção de Marx a respeito do capitalismo, embora De Benoist não se detenha na análise da economia, mas da moralidade política, e não seja partidário da luta de classes como princípio fundamental da história: o aburguesamento da classe operária teria resolvido a luta de classes em prol da dominação burguesa. Um dos principais apoios do filósofo francês é a sociologia econômica de Werner Sombart, para o qual a racionalidade econômica contribui para a autonomia das empresas perante os controles políticos e a homogeneização dos desejos e da moralidade humana. A expansão dos valores individualistas, racionais e cosmopolitas relacionados à burguesia desde o Iluminismo conduziria ao triunfo de um mundo mercantilizado, e o Estado liberal, com sua democracia representativa, seria um mecanismo da própria dominação burguesa. O comunismo, o socialismo ou o fascismo, entretanto, não seriam

No lugar da ação política pragmática ou partidária, enfatiza-se a mudança no plano cultural e ideológico como sustentação de um novo horizonte político no longo prazo. A essa estratégia a Nova Direita nomeia, seguindo os ensinamentos do filósofo italiano Julius Evola, metapolítica. Nesse sentido, o grupo se dedicará a uma “guerra cultural” contra a esquerda, especialmente a marxista

soluções: seriam sistemas de dominação burocráticos que seguem a mesma lógica de homogeneização social, em nome de uma classe ou da pátria; no caso do fascismo, de um ideal nacionalista burguês.

A oposição não apenas ao comunismo, mas ao capitalismo e ao liberalismo, bem como a “virada culturalista” do Grece, pode ser melhor entendida a partir das polêmicas políticas, midiáticas e intelectuais havidas no ano de 1979, quando a proposta de Alain de Benoist e do Grece sofre uma severa contestação, tanto pela esquerda marxista como pela direita liberal. Naquele ano, as reflexões do Grece foram a grande ênfase no debate intelectual e midiático, expondo-o como grupo cujo objetivo seria reciclar ideias nazifascistas (FRANÇOIS, 2017). Em sua trajetória, De Benoist buscará convencer a opinião pública de sua distância em relação a qualquer “clube memorialístico” do nazifascismo ou qualquer proposta de autoritarismo burocrático baseado na ideologia do Estado corporativo. Não obstante, De Benoist será recorrentemente visto com desconfiança em relação às suas vinculações, tendo em vista que boa parte da sua rede de interlocução será composta por atores que tiveram participação direta ou indireta no nazismo (FRANÇOIS, 2017).

A condenação simultânea pela esquerda e pela direita colaborou para a marginalização do Grece nos meios acadêmicos, na imprensa e em partidos, mesmo naqueles círculos originalmente ligados ao Grece. É o caso do Club de l’Horloge, criado em 1974, principal responsável pelo apoio às ideias neoliberais ou ultraliberais de

Hayek e Von Mises na França⁹. De fato, a partir de então, os dois grupos se colocaram em uma situação de “rivalidade mimética” e de luta pelo monopólio da renovação doutrinal da direita no país. Por essa razão, a alcunha de *Nova Direita*, na França, não significará a acomodação entre neoconservadores — economicamente liberais, culturalmente reacionários e defensores de uma religiosidade cristã —, mas passará a identificar a nova síntese proposta pelo Grece e por Alain de Benoist: a economia liberal começa a ser denunciada tanto quanto a economia marxista, e o “americanismo”, forma moderna dominante de igualitarismo e do cosmopolitismo “judaico-cristão”, torna-se o principal inimigo (TAGUIEFF, 1993).

Essa reorientação foi consequência também de dissidências internas, que conduziram a um distanciamento do grupo em relação a visões mais radicais, autoritárias e racistas da própria direita, sendo este o caso de Guillaume Faye, concorrente teórico na iniciativa de refundação da direita na França, influenciando, junto com Alain de Benoist, a Nova Direita euro-americana. Após divergências com De Benoist, Faye se retira do Grece, em 1986, e passa a se envolver com o jornalismo e a indústria cultural. Mas da década de 1990 até o fim de sua vida manteve uma produção constante; definindo-se como antimoderno, influenciado pela filosofia de Nietzsche e pela sociologia pós-moderna de Michel Maffesoli, Faye é conhecido principalmente pelo conceito de *arqueofuturismo* (FAYE, 1998), empregado para definir o projeto de reconciliação da tecnociência com “valores arcaicos” da Antiguidade grega.

À primeira vista, ambos poderiam ser percebidos como teóricos muito afinados, tendo em vista o próprio retorno de Faye aos círculos do Grece e o compartilhamento de ideais: uma sociedade orgânica, uma cultura religiosa e política neopagã, a crítica da imigração e a crítica da sociedade de consumo. No entanto, quando do lançamento de *La colonisation de l'Europe* (FAYE, 2000), De Benoist irá acusá-lo de ser fortemente racista e ele será excluído uma vez mais do Grece no ano 2000. Faye se aproxima do movimento neopagão Terre et Peuple, mas também é expulso em 2007, após a publicação do livro *La nouvelle question juive* (FAYE, 2007), visto como obra demasiadamente sionista por nacional-revolucionários e católicos tradicionais.

Apesar dos pontos de aproximação, o pensamento de Faye é mais radicalmente autoritário, pressupondo a ação de um líder político carismático ditatorial, e explicitamente racista, com ênfase em uma visão étnica baseada na ideia de “guerra civil racial” e ligada a linhagens de sangue e políticas eugenistas. De forma que o cientista político Stéphane François descreveria o arqueofuturismo de Faye como uma combinação entre “filosofia pós-moderna, alguns elementos da contracultura ocidental e racismo” (FRANÇOIS, 2019).

⁹ O Club de l'Horloge (1974-2015) foi um *think tank* neoliberal surgido a partir do Cercle Pareto, um círculo de discussão criado na Science Po, de Paris, por estudantes associados ao Grece. O Club de l'Horloge pode ser concebido como uma dissidência do Grece conduzida por aqueles que não quiseram separar o ativismo e a carreira política, ou uma participação mais constante na cena pública e midiática, e cuja distância do grupo original se construiu ao longo do tempo pelo apoio que deram ao catolicismo e ao neoliberalismo (LAMY, 2016).

De Benoist, ao contrário, a partir dos anos 1990, conseguirá maior interlocução com círculos políticos e acadêmicos à esquerda, como a revista do movimento Mauss, ou mesmo marxistas, no âmbito das reflexões sobre democracia participativa e antiglobalização (CAMUS, 2019). Pretende uma modernidade alternativa (BAR-ON, 2012), uma nova lógica de convivência social em oposição ao capitalismo, ao colonialismo e ao imperialismo do mundo ocidental globalizado de hegemonia estadunidense. Descrita dessa maneira, a proposta guarda larga semelhança com o ideário das esquerdas desde o final do século XX.

Toda essa reorientação resultará em um projeto mais amplo de construção de formas políticas que concedam oportunidade para regenerar os antigos laços complementares entre o povo e a aristocracia através de uma federação de comunidades locais, fracionando os atuais Estados-nação. O manifesto *La Nouvelle Droite de l'an 2000* (DE BENOIST; CHAMPETIER, 1999) sintetiza de maneira programática um salto qualitativo na promessa de uma terceira via entre o comunismo e o capitalismo liberal, mas, diferente do fascismo, concatenado não a um Estado corporativo, mas a uma promessa federativa de democracias locais, pautadas pelo direito à diferença (homogeneidade étnico-cultural e antirracismo) e por uma ecologia integral (limitação do crescimento do capital).

Entretanto, na próxima seção buscaremos demonstrar como tal promessa está ainda enraizada em um projeto de uma “nova revolução conservadora”, bem delineada na biografia e no papel desempenhado por Alain de Benoist e seu trabalho de conservação e atualização de um conjunto de ideias, ao mesmo tempo aristocráticas e revolucionárias, do pensamento de direita europeu do final do século XIX ao início do XX, que, em parte, se relacionaram com as experiências fascistas.

3. ALAIN DE BENOIST E A “NOVA REVOLUÇÃO CONSERVADORA”

Alain de Benoist nasceu no ano de 1943 em Saint Symphorien, uma pequena comunidade autônoma de 7 mil habitantes, hoje pertencente a Tours, onde passou seus primeiros anos de infância, anos de ocupação alemã no país, antes de sua família se mudar para Paris, em 1950. Nesse pequeno povoado, De Benoist recebeu suas primeiras impressões da França rural e periférica, que o marcaria afetivamente e intelectualmente, como polo de virtudes oposto ao das grandes cidades.

Em sua autobiografia, De Benoist sempre se demonstrou orgulhoso em relação à sua ascendência familiar, cuja origem remontaria, do lado paterno, à aristocracia político-militar nos séculos XVIII e XIX, e a cuja descendência, entretanto, não dará continuidade, e do lado materno ao campesinato bretão, uma vez que sua mãe era filha de trabalhadores ferroviários. Sua família seria fruto, portanto, de uma mescla aristocrática e campesina, da qual se orgulhará:

Sempre fiquei muito feliz por vir de tal mistura, na qual talvez outros tivessem visto uma má aliança; para ser mais preciso, estou feliz por não haver, entre meus ancestrais,

A proposta de um “contraleninismo” e de um “gramscismo de direita” revela uma estratégia de reflexão que não ignora o conteúdo dos principais teóricos marxistas nem os temas da esquerda, como a diferença cultural, o antirracismo, o anticolonialismo, a ecologia e o anticapitalismo, mas procura incorporá-los em uma síntese afinada com um repertório político diferenciado e oposto

um único representante da burguesia. Desde sempre acreditei que a nobreza e as pessoas comuns compartilham os mesmos valores fundamentais; quer dizer, seus valores se complementam de maneira natural, enquanto os valores da burguesia são diametralmente opostos. Como valores de nobreza, defino o senso de honra, a coragem, o cumprimento da palavra, as altas exigências sobre si mesmo, o desapego, o senso de sacrifício e a abnegação. Os valores do povo são igualmente arraigados e coincidem, na maior parte, com os anteriores e acrescentam o que George Orwell resumiu na bela expressão *common decency* [moralidade comum] (DE BENOIST, 2014, p. 21 apud NYMETH, 2019, p. 298, tradução nossa).

Entretanto, essa valorização, *a posteriori*, de suas origens, não poderia deixar de lado o fato de seu núcleo familiar estar imerso na cultura republicana e católica; mas fundamental na marcação dos traços valorativos

a respeito de suas origens foi a influência de sua avó paterna, Yvonne de Benoist, dotada de formação artística e intelectual, que foi secretária e supostamente amante do sociólogo Gustave Le Bon, famoso autor de *Psicologia das multidões* (LE BON, 1954). A presença da avó nos anos da formação moral e intelectual de Alain de Benoist permite remontar a herança da idealização dos valores da nobreza derrotada pela revolução burguesa:

Ela foi a primeira a me ensinar o significado da expressão *noblesse oblige*. Pertencer à aristocracia não significava ter mais privilégios ou gozar de direitos especiais em relação às outras pessoas, mas impor-se mais obrigações, medir-se com uma régua superior, ter mais responsabilidades que os outros. Agir nobremente — não importa de que círculo social alguém venha — significa nunca estar satisfeito consigo mesmo e nunca argumentar de forma utilitária. A beleza da abnegação, do desperdício desnecessário, dos gestos. A convicção de que se pode e deve sempre fazer mais e melhor; que é execrável vangloriar-se das próprias realizações; e que o valor de um ser humano é demonstrado em sua habilidade de lutar continuamente contra seus próprios interesses (DE BENOIST, 2014, p. 34 apud NYMETH, 2019, p. 300, tradução nossa).



A Nova Direita europeia ou transnacional tem em vista vários desenvolvimentos teóricos paralelos e muitas vezes conexos, como o arqueofuturismo de Guillaume Faye, ao lado, em foto de 2015

O contexto familiar favoreceu, nesse sentido, seu contato com a herança intelectual do pensamento “radical aristocrático” de Nietzsche e de filósofos de uma corrente oposta às transformações do mundo moderno desde, pelo menos, a Revolução Francesa. O florescimento dessa corrente se deu especialmente no contexto cultural e político da Alemanha desde o final do século XIX, no qual emerge uma “nova psicologia” pautada pela mútua influência literária e artística antimoderna e antiocidental. Na historiografia esse conjunto de tendências ficou conhecido como “revolução conservadora” — expressão aceita por uma grande parte dos atores envolvidos, inspirados pelo escritor russo Fiódor Dostoiévski, que, em 1876, conclamara seus compatriotas a serem, na Europa, “revolucionários pelo conservadorismo” (MERLIO, 2003).

O pessimismo ou niilismo aristocrático partilhado por escritores e filósofos como Dostoiévski, Friedrich Nietzsche, Thomas Mann e Oswald Spengler¹⁰ era referência importante no cultivo de uma individualidade cultural na Alemanha desde o fim do século XIX, que influenciou, após a Primeira Guerra Mundial, os jovens intelectuais nacionalistas, muitos ex-soldados, ressentidos com a República de Weimar, os acordos de Versalhes e a restauração da monarquia. Foi nessa ambiência que se criou um contexto cultural diferente, pautado pela afirmação de valores políticos ao

10 A obra *A decadência do Ocidente*, de Spengler (1986), foi uma referência fundamental nos debates historiográficos, filosóficos e políticos na Alemanha, além da obra *Prussianismo e socialismo* (SPENGLER, 1924), defensora de um socialismo autoritário e nacionalista. Spengler foi inspiração para o nazismo, mas posteriormente condenado pelos intelectuais do regime por conta do seu pessimismo e da recusa em assumir o tipo de racismo defendido pelos nazistas.

mesmo tempo conservadores e revolucionários, nacionalistas e socialistas, que forneceu a base de mobilização de socialismos autoritários, de inspiração aristocrático-militar prussiana, como o nacional-socialismo ou o nacional-bolchevismo (KLEMPERER, 1951)¹¹.

Vale a pena considerar a síntese feita por Dupeux (1994) das concepções de uma das principais lideranças desse contexto, Arthur Moeller van den Bruck (1876-1925), em seu livro *O Terceiro Reich* (1923), dividido em oito capítulos:

1. “*Revolucionário*”: “nós queremos ganhar a Revolução”.
2. “*Socialista*”: “cada povo tem seu próprio socialismo”: aos russos, o bolchevismo; aos italianos, o fascismo; aos alemães, uma forma própria ao seu ser [...].
3. “*Liberal*”: designa o inimigo principal; “o liberalismo é a morte dos povos”: de um lado, porque o liberalismo é o espírito crítico, corrosivo; de outro, porque ele resulta no “compromisso”. Entretanto, o “compromisso liberal” é o contrário da “*decisão*”, atitude de toda verdadeira política, como afirmará mais especificamente o célebre jurista Carl Schmitt.
4. “*Democrata*”: “a democracia é a participação do Povo no seu Destino”: não necessariamente na decisão, mas no “espírito geral do povo”.
5. “*Proletário*”: “é proletário aquele que deseja sê-lo”: onde Moeller afirma o primado da ideia em oposição ao determinismo econômico de Marx.
6. “*Reacionário*”: “podemos retornar na política, não na História” — onde Moeller demonstra sua orientação “futurista”, do “jovem conservador”, em oposição à nostalgia tradicional do partido “nacional-alemão” (DNVP).
7. “*Conservador*”: “o conservadorismo tem, para ele, a eternidade”: Moeller manifesta, aqui, a dimensão propriamente “fundamentalista” do conservadorismo, trazer de volta o essencial para abrir o caminho ao...
8. ... *Dritte Reich*, ao Terceiro Reich, sobre o qual ele diz: “nós devemos ter a força de viver nas contradições”, porque elas são a própria Vida, diferentemente das “construções” perfeccionistas dos racionalistas (DUPEUX, 1994, p. 476-477, tradução nossa).

Em suma, o “conservadorismo revolucionário” não é um partido político, mas uma nebulosa ideológica que começa a se organizar com força ao final de 1918 e começa a se enriquecer de novas tendências na medida em que o sistema político alemão fracassa em relação ao nacionalismo e ao “germanismo integral” (*völkisch*), liderado por uma “burguesia da cultura” ligada ao idealismo romântico e por jovens ex-combatentes (DUPEUX, 1994).

Sobre esse contexto, a tendência mais difundida na historiografia ocidental é considerar que o nazismo se originou do “conservadorismo revolucionário”, no sentido de que este teria criado um terreno fértil para as atrocidades dos nazistas no futuro (ALEKSEEVICH, 2020). Logo, o foco recai muitas vezes, e precisamente, na

¹¹ Entre os pensadores que integraram essa “revolução conservadora” na Europa, especialmente na Alemanha, estão Ernst Jünger, Carl Schmitt, Arthur Moeller van den Bruck, Ludwig Klages, Ernst Niekisch, Gregor e Otto Strasser, Martin Heidegger, Othmar Spann e Alfred Rosenberg, entre outros (MOHLER, 1950).



Reprodução/ europa@vivre.news

Jean-Marie Le Pen: representante da extrema-direita francesa

relação e interdependência do nacional-socialismo e da “revolução conservadora”, no quadro dos pontos comuns mais negativos, como o antissemitismo. O ponto de vista marxista, por sua vez, é semelhante, com o acréscimo do argumento que salienta os benefícios adquiridos pelo capital monopolista e pelo capital empresarial em geral. Assim, o terreno ideológico estava limpo para a reação burguesa e para a implementação da política imperialista pela Alemanha, o que retiraria o caráter revolucionário desse conservadorismo¹².

Nas últimas décadas do século XX, contudo, foram feitas tentativas para olhar para a “revolução conservadora” em seus aspectos culturais e filosóficos, sem lançá-lhe acusações diretas ou mesmo, indiretamente, insinuar sua cumplicidade com o nazismo. Apesar de semelhanças com a “revolução conservadora”, o nazismo de Hitler teria ocupado uma posição marginal entre os principais defensores dela (KLEMPERER, 1951), que o condenavam como desvio do aristocratismo em direção à oclocracia e a uma “biocracia” racista (DUPEUX, 1994). No mesmo sentido, a revolução conservadora seria um fenômeno da “modernidade alternativa” (ALEKSEEVICH, 2020): seu principal ponto de contato com o ideário nazista se daria pelo discurso anti-Weimar e anti-Versalhes e não pelo racismo biológico ou o antissemitismo nazista.

12 Alekseevich (2020, p. 4, tradução nossa): “O capitalismo como sistema econômico formou uma base comum para o liberalismo e o conservadorismo revolucionário. Assim, ambas as visões de mundo isolaram a luta de classes por meio da ideologia da unidade nacional, apoiaram o imperialismo alemão e não lutaram contra o antissemitismo. Como entender o ‘anticapitalismo’ do conservadorismo revolucionário? Segundo Gershenberger, esse comportamento é entendido apenas em um contexto cultural, enquanto o conservadorismo economicamente revolucionário era guiado pelo empreendedorismo liberal e defendia o capitalismo empreendedor.”

Esse ponto de vista é defendido por alguns dos principais pesquisadores do tema, como Breuer (1993) e Mohler (1950), para o qual “a ‘revolução conservadora’ não é de forma alguma uma ideologia congelada com contornos claramente delineados, mas uma ‘área topográfica’ difícil de registrar” (MOHLER apud ALEKSEEVICH, 2020, p. 2, tradução nossa). Breuer (1993), contudo, chega a uma conclusão crítica sobre as tentativas de atribuir ao conceito de “revolução conservadora” a soma das várias tendências sociopolíticas e culturais na República de Weimar — dos Jovens Conservadores aos “revolucionários nacionais”. Para Breuer essas tendências seriam a manifestação de um “novo” nacionalismo, nascido de uma sociedade de massas e da crise de consciência burguesa, buscando destruir os estreitos interesses de classe do “velho” conservadorismo e seu desejo de retornar ao passado e manter as instituições tradicionais como a Igreja, a monarquia e formas de trabalho e convivência rurais.

Entretanto, a proposta de Breuer, apesar do mérito de seu detalhamento tipológico das várias tendências de pensamento do período, não parece convencer a comunidade científica (MERLIO, 2003). O “conservadorismo revolucionário” continua sendo a expressão que delimita um certo conjunto de tendências cuja marca é, justamente, a conjunção de termos (aparentemente) opostos: uma revolução para a restauração de “valores essenciais da nação”, sem o simples retorno a formas passadas, como desejam os velhos conservadores e reacionários, mas realizando um processo de expansão e desenvolvimento; a aceitação da modernidade técnica (tecnologia e planejamento estatal), mas a negação da modernidade cultural dos valores do Iluminismo e da Revolução Francesa, como o individualismo e o humanismo universalista e igualitário; confiança em uma elite cultural e política selecionada por suas qualidades e não pelo povo, ao mesmo tempo que incentiva a mobilização constante das massas populares na vida coletiva; movimentos que não se pretendem “nem de esquerda nem de direita”, que visam “ganhar a revolução” dos “progressismos”, seja na forma do liberalismo ou do socialismo marxista (considerados “inimigos-irmãos”), e também contra a direita conservadora pessimista; otimistas em sua capacidade de moldar o futuro, consideram-se portadores do “espírito do povo e da nação” e da “força do destino”, pois dominam a técnica na era das massas (organização, mobilização e propaganda) (DUPEUX, 1994; MERLIO, 2003).

Na França, Alain de Benoist e o Grece serão os principais responsáveis pela conservação do legado intelectual desse “modernismo antimodernista” ou “modernismo reacionário” representado pela revolução conservadora na Alemanha e pela geração “não conformista”¹³ dos anos 1930, na França, que propunha a formação de uma nova ordem não totalitária, mas para além do individualismo e do liberalismo (CAMUS, 2019). Através de uma série de iniciativas editoriais e em parceria com o alemão Armin Mohler, antigo secretário de Ernst Jünger, De Benoist participará da reabilitação e revisão crítica da “revolução conservadora” como fonte ainda inexplorada de tendências políticas próximas ao nacionalismo revolucionário.

¹³ Inspirada em Alexandre Marc, Robert Aron, Arnaud Dandieu e Emmanuel Mounier (CAMUS, 2019).

A modernidade, a democracia e o comunismo significavam, para ele, o período da decadência, de predominância de valores materialistas, voltados à economia, à miscigenação, ao secularismo, ao feminismo e ao hedonismo sexual

Assim, seu esforço será por não “reabrir Auschwitz”, ou seja, ao distanciar a renovação do pensamento revolucionário conservador de suas ligações com as formas históricas do nazifascismo, os traços mais “espiritualistas” e metafísicos da “revolução conservadora” serão cada vez mais ressaltados. É dessa maneira que Alain de Benoist se aproxima de uma vertente hoje nomeada Tradicionalista¹⁴, que integra o conjunto maior do pensamento revolucionário conservador do início do século XX¹⁵. No Brasil a vertente se tornou conhecida através do livro *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista* (2020), de Benjamin Teitelbaum, para o qual

os Tradicionalistas aspiram a ser tudo que a modernidade não é — comungar com o que eles acreditam serem verdades e estilos de vida transcendentais e atemporais, em vez de buscar o “progresso”. Alguns Tradicionalistas trabalham seus valores em um sistema de pensamento que vai muito além da divisão política moderna de esquerda ou direita: alguns até dizem que esse sistema está além do fascismo. Consequentemente, esse sistema infundiu o pensamento de propagadores da direita anti-imigração, populistas e nacionalistas, e o fez de maneira estranha. É anticapitalista, por exemplo, e pode ser anticristão. Condena o Estado-nação como uma construção modernista e admira aspectos do islã e do Oriente em geral (TEITELBAUM, 2020, p. 20).

14 Em conformidade com o uso que os intelectuais dessa escola e da literatura especializada fazem, utilizamos inicial maiúscula em *Tradicionalismo* e *Tradição* para diferenciar essa vertente da ideia comum vinculada às grafias *tradicionalismo* e *tradição*, afeita à simples valorização dos usos e costumes do passado. O *Tradicionalismo* ou a *Tradição*, por sua vez, diz respeito a uma crença e um conjunto específico de saberes, práticas e símbolos originais e eternos na história da humanidade.

15 O Tradicionalismo insere-se, na verdade, em uma longa tradição do pensamento reacionário e irracionalista, para alguns iniciado como reação à Revolução Francesa e tendo como maior expressão política o fascismo (AUGUSTO, 2017). Para outros (VAZ, 2018), suas raízes são mais antigas. Ele seria o desenvolvimento particular do gnosticismo, crença milenar, em geral conflitante com o desenvolvimento do cristianismo e do catolicismo na história europeia, que defende uma separação radical entre o mundo do espírito (ao qual apenas acede uma elite esclarecida) e o da matéria (lugar da maioria). Para os gnósticos, o mundo não seria obra da razão divina, mas de um demiurgo, distante do Ser Absoluto. Sendo uma realidade imperfeita, precisa ser alterada. Nessa interpretação, como forma de gnosticismo, o Tradicionalismo compartilharia raízes comuns com as ideologias ou religiões políticas totalitárias (VAZ, 2018).

Dois intelectuais são as referências principais do Tradicionalismo: René Guénon e Julius Evola. Guénon, francês convertido ao islamismo, elaborou as bases de uma “filosofia perene” espiritualista, baseada na crença em uma religião original perdida (a Tradição, o cerne, ou a Tradição perene), cujos fragmentos se encontram espalhados entre valores e conceitos de diferentes religiões, principalmente as religiões indo-europeias (hinduísmo e zoroastrismo) e religiões europeias pagãs pré-cristãs. Para ele, bem como para os Tradicionalistas em geral, a história humana percorreria um ciclo de quatro idades: da idade de ouro à de prata, à de bronze e à idade sombria, até retornar à idade de ouro e retomar o ciclo. Cada idade corresponderia ao domínio de diferentes castas de pessoas: sacerdotes, guerreiros, comerciantes e escravos. A passagem de uma idade para a outra, concebida em termos de decadência, ocorreria pela mudança nos valores defendidos, dos mais imateriais (espiritualidade e honra) até os mais materiais (dinheiro e gratificação corporal). A inspiração é o sistema de castas hinduísta e uma noção de tempo fatalista e pessimista, que associa a origem, o desenvolvimento e a decadência de civilizações com a perda de espiritualidade, e, por essa razão, a necessidade de conexão com valores da Tradição, ao alcance de um grupo seleto de intelectuais iniciados, capazes de compreender o ciclo histórico e preparar o mundo para a passagem ao momento seguinte.

O filósofo italiano Julius Evola, por sua vez, teria conduzido o Tradicionalismo menos para os valores orientais e mais para a direita política, tornando-se a referência mais importante dessa vertente na atualidade. Para Evola, um dos principais intérpretes críticos de Guénon, seria necessária a revitalização dos “europeus nativos”, concebidos como arianos, “seres etéreos e fantasmagóricos”, de uma sociedade patriarcal originária situada no Ártico, cujas virtudes decaíram conforme migravam para o Sul e “se tornavam encarnados”. Dessa maneira, seu sistema de valores baseava-se em uma hierarquia que situa o espírito acima da matéria; o Norte acima do Sul; o branco acima do negro; a masculinidade acima da feminilidade. A modernidade, a democracia e o comunismo significavam, para ele, o período da decadência, de predominância de valores materialistas, voltados à economia, à miscigenação, ao secularismo, ao feminismo e ao hedonismo sexual. O seu horizonte principal ou inicial, portanto, se concentrava na sociedade europeia, em um programa paradoxalmente reacionário e futurista para a formação de um “império pagão” europeu (EVOLA, 1928): uma releitura da teocracia e dos modelos aristocráticos, feudais e guerreiros de organização política, contra, ao mesmo tempo, a homogeneidade e universalismo promovidos pelo cristianismo e pelo secularismo, fundada na substituição da história pelo mito. Para Augusto (2017), com base em Lukács (2009):

Esse aspecto central do pensamento de Evola se enquadra na “ideologia fascista” que “se funda sobre esta base: nega radicalmente toda ideia de progresso e oferece através de um ‘milagre’ “a perspectiva da restituição do estado originário” (LUKÁCS, 2009, p. 37). A ideologia reacionária, no entanto, não é “direcionada para a restauração de algo passado”, mas para a “instauração de algo futuro” (LUKÁCS, 2009, p.



Reprodução/Wikimedia

Julius Evola, em foto de 1940: esse filósofo italiano inspirou a estratégia da “metapolítica”, adotada pela Nova Direita francesa

51); não apenas assim uma filosofia de caráter reacionário, voltada para o passado, é capaz de se tornar uma ideologia capaz de oferecer respostas a conflitos do presente. Desse modo, o passado na ideologia Tradicionalista de Evola é um passado mítico e de caráter metafísico e está direcionado “para um modo de ser social concebido como ‘ideal’”. Evola é explícito quanto ao caráter ‘ideal’ do passado Tradicionalista: “Para um autêntico conservador revolucionário, o que realmente conta é ser fiel não às formas e instituições do passado, mas aos princípios dos quais essas formas e instituições têm sido uma expressão particular, adequada para um período de tempo específico e em uma área geográfica específica.” (AUGUSTO, 2017, p. 7)

Evola, entretanto, contesta a sua filiação ao regime fascista e nazista. Em *O fascismo visto pela direita* (EVOLA, 2013), em *Notas sobre o Terceiro Reich* (EVOLA, 2013) e em depoimentos (EVOLA, 2021), o filósofo italiano busca manter alguma distância dessas experiências, que teriam cumprido apenas parcialmente com a concretização dos valores defendidos, aliando-se a valores terrenos e se corrompendo¹⁶. Em 1951, Evola se autodenominaria “superfascista”, não estando claro se isso significa que Evola estava se colocando acima ou além do fascismo (WOLFF, 2016). Guénon, do mesmo modo, teria se mantido muito mais ligado a uma finalidade esotérica, de construção de uma religião iniciática, e não da atuação política.

¹⁶ Evola foi admirado por Mussolini e publicou o jornal *Sangue e Spirito* sob sua chancela; Evola também viajou para a Alemanha nazista e obteve apoio para seu jornal, não escondendo sua admiração pela SS. Apesar do envolvimento com o fascismo, Evola se afirma como um crítico de direita ao regime. Evola via no fascismo elementos populistas e de esquerda que deveriam ser eliminados em favor de uma política efetivamente aristocrática. Embora pudesse concordar com um movimento antimarxista, antidemocrático, restaurador da autoridade do Estado como superação da luta de classes na forma de um modelo corporativo e hierárquico, ele afirma não estar de acordo com os aspectos ditatoriais dos regimes e nunca ter participado dos grupos políticos ligados ao governo fascista na Itália (embora tenha colaborado com agentes da SS em aulas sobre sua filosofia).

Como situar Alain de Benoist ante esse conjunto de ideias? Em geral, ele não é visto nem se concebe como teórico Tradicionalista, especialmente em sua vertente religiosa ou ocultista; ao mesmo tempo, sua proximidade com o ideário do Terceiro Reich, herdeiro do pensamento “revolucionário conservador”, pode ser contrabalançado com o legado do movimento francês “não conformista”, favorável a uma alternativa não totalitária e sua aproximação com a ideia de deliberação democrática. No entanto, ao contrário de Camus (2019), entendemos que há demasiados pontos de contato entre o pensamento de De Benoist e de Evola para descartar uma influência. Se De Benoist não é um “evoliano”, não deixa de ser relevante o seu papel na divulgação do pensamento de Evola, a sua proximidade com o principal Tradicionalista evoliano russo, Aleksandr Dugin, e o compartilhamento de temas com o filósofo italiano: o ideal de um nacionalismo europeu pagão; o antimarxismo; o aristocratismo, e a metapolítica.

Um caminho para perceber tais similaridades ou pontes entre as propostas de Evola e De Benoist é outra fonte de inspiração para este último: os trabalhos do filólogo Georges Dumézil sobre os indo-europeus (DUMÉZIL, 1924)¹⁷, segundo os quais teria havido uma protolíngua comum (o protoindo-europeu), falada por um grupo de pessoas que se dispersaram geograficamente, ramificando-se em diversas línguas e culturas indo-europeias. Para Dumézil, seria possível a busca de uma “língua original”, de um “povo originário” e de uma “pátria original”, que estaria supostamente localizada em algum lugar no norte da Europa. A partir de uma livre apropriação do contestado trabalho de Dumézil, os intelectuais ligados à direita retomaram a ideia de uma unidade cultural europeia a partir de uma origem ariana, povos originados das estepes da Ásia Central que teriam povoado o atual Irã e constituído a sociedade indiana. Além disso, encontram os fundamentos para uma leitura de sociedade equilibrada dividida em castas:

A teoria da tripartição é o ponto nevrálgico da obra de Dumézil e desenvolve-se a partir de seus estudos sobre o sistema social indiano. A sociedade pós-védica indiana estava dividida em quatro castas, das quais as três mais altas eram arianas puras. O modelo de Dumézil baseia-se apenas nas três castas arianas, que eram compreendidas por *brāhmanas*, sacerdotes que estudavam as escrituras sagradas e celebravam sacrifícios; *ksatriyas* (ou *rājanyas*), guerreiros que defendiam o povo através da força; *vaisyas*, incumbidos do comércio, das pastagens, do trabalho, produtores de bens materiais [...]. Dumézil afirma que essa divisão tripartida não fora criada pelos indianos, mas era resultado da intensificação de uma doutrina e prática preexistentes. Através de estudos comparativos, que envolveram material iraniano (principalmente relacionado aos citas e ossetas caucasianos) e romano, Dumézil conclui que várias relíquias de uma estrutura trifuncional, de acordo com o modelo indiano, podem ser encontradas em sociedades indo-europeias (BOULHOSA, 2006, p. 3-4).

¹⁷ Para uma análise crítica da obra de Dumézil, cf. Boulhosa (2006).

Essa organização social tripartida suscitaria, de forma simétrica, uma tripartição teológica, segundo a qual os deuses estão divididos em três grupos, relacionados a três tipos de atividade humana: sacerdotes (1ª função); guerreiros (2ª função); criadores ou agricultores (3ª função). Seria possível presumir, assim, que nas origens da sociedade indo-europeia os dois primeiros grupos teriam guerreado com o terceiro, originando as mudanças que desenvolveram historicamente a Europa como ela se constituiu¹⁸. Dumézil se importa, nesse sentido, com as relações entre essas castas e a maneira pela qual se criam ideologias correspondentes.

As ideias de Dumézil guardam, por sua vez, similaridades com as trabalhadas pelos *eurasianos* e *neoeurasionos*, dos quais Alain de Benoist aproximou-se mais recentemente em seus contatos na Rússia (SEDGWICK, 2020). O *eurasianismo* foi um movimento político que teve suas origens na comunidade de imigrantes russos na década de 1920 e que defendeu o não pertencimento da “civilização pan-eslava”¹⁹ à categoria “europeia”: a Eurásia seria uma civilização com contornos próprios — históricos, econômicos, culturais, linguísticos, étnicos e geográficos —, diferente tanto da Europa quanto da Ásia, e cuja unidade política corresponderia a uma forma política não democrática e não capitalista.

A emigração russa para países da Europa durante a queda do czarismo e a Revolução Soviética (1905-1917) criou um conjunto de jornais e associações voltados a uma “utopia conservadora”: uma geração de “eslavófilos da era do futurismo”, interessados não em um simples retorno ao passado, mas nas condições, mesmo por via revolucionária, de criação de uma nova forma política para uma antiga civilização (WIEDERKEHR, 2017). O eurasianismo mantém, nesse sentido, uma relação com o contexto cultural da “revolução conservadora” descrito para a situação alemã, mas cuja abrangência acabou se estendendo à intelectualidade de outros povos à época, especialmente o russo, ou encontrando pontos de coincidência com ela (LUKS, 1986). Um tema comum era o combate à influência do Ocidente (livre mercado, individualismo e imperialismo britânico e francês) e o fortalecimento da identidade dos povos orientais, considerados não europeus. Outros pontos de aproximação: a rejeição do pluralismo político e da democracia parlamentar; a negação do capitalismo em favor de uma economia planejada; o apoio a uma forma política autárquica (WIEDERKEHR, 2017). Luks (1986) aponta ainda outros paralelos entre as duas propostas: a característica elitista e a crença errônea de que poderiam instrumentalizar o partido nazista ou o bolchevique para seus objetivos antiliberais; a visão organicista da sociedade; a aderência a ideias geopolíticas; e a rejeição da modernidade.

Para eles, a ciência histórica garantiria os instrumentos de predição dessa unidade política futura “inevitável”. A Revolução de Outubro dos bolcheviques, por exemplo, foi uma reação necessária à rápida modernização da sociedade russa, mas deveria, através do abandono do internacionalismo proletário, do ateísmo militante

¹⁸ Sintoma do pensamento aristocrático de Dumézil é a exclusão, no seu esquema, da casta de escravos e servos, que estariam fora da “boa” divisão social.

¹⁹ Povos russos, mongólicos e turcos, entre outros.

e da luta de classes, evoluir para um novo governo cristão ortodoxo nacional, não europeu (WIEDERKEHR, 2017). Os eurasianistas apoiavam a ideia de substituir a ditadura bolchevique de partido único por uma “ideocracia” (*ideokratiia*), tipo de governo comandado por uma minoria não eleita que governa em nome e no interesse do povo, através de um domínio absoluto da ideologia em cada aspecto da vida social²⁰. O fascismo e a URSS seriam, nesse sentido, “ideocracias” imperfeitas, conservando o ideal de mobilização política e a economia planificada, mas transformados, acentuando seus aspectos centralizadores e o antimodernismo cultural de caráter religioso (WIEDERKEHR, 2017).

A recuperação da perspectiva de pensamento eurasiana começa a ser feita nas décadas mais próximas ao colapso da União Soviética. O que caracteriza o neoeurasianismo são as conclusões a partir da aplicação de sua teoria da etnogênese: a ocupação mongol (1240-1480) teria protegido do Ocidente as etnias russas emergentes, permitindo-lhes ganhar tempo para atingir a maturidade (LARUELLE, 2001)²¹. Atualmente, o nacionalista russo e cristão ortodoxo Aleksandr Dugin²² tem sido o principal defensor do “neoeurasianismo”, em prol da reunificação da Rússia com os antigos territórios soviéticos e o Irã, contra o Ocidente e a liderança dos Estados Unidos²³ e em favor da construção de um mundo multipolar, não mais atado às tradições ocidentais. Dugin propõe a união entre as civilizações orientais “contra o Demiurgo mau, criador de um mundo condenado”, ou seja, o Ocidente e o mundo unipolar liderado pelo “Império dos Estados Unidos” (DUGIN; CARVALHO, 2012 p.10).

As contribuições de Guénon, Dumézil, Evola e dos eurasianistas serão incorporadas por Alain de Benoist na fundamentação da ideia de uma Europa como federação de comunidades de cultura política neopagã, em uma estrutura social não igualitária, “aristocrático-popular”, em recusa ao espírito burguês, e reunidas em uma unidade

20 Apesar dos pontos em comum, e dos contatos estabelecidos com os editores alemães da *Vorkämpfer* e *Widerstandt*, ligados aos “conservadores revolucionários” e nacional-bolcheviques, os dois projetos não conseguiram uma cooperação prática (WIEDERKEHR, 2017). Em grande parte, devido à potencial rivalidade entre os projetos nacionais expansionistas, o do “Império do Meio” alemão (*Mittel Europa*) e o da civilização russo-eslava. Já em relação ao bolchevismo, como citado anteriormente, a adesão dos eslavistas foi programática: tratava-se de conduzir a revolução, no longo prazo, a um caminho conservador. Em certo sentido, é relevante pontuar, o movimento eurasianista se assemelha a uma tendência à direita que teve como principal contraste, à esquerda, o movimento *narodnik*, conhecido como “populismo russo”, que advogava, desde o século XIX, através de táticas radicais, a revitalização de antigas formas comunitárias rurais no sentido de uma transição para o comunismo por uma via particular, sem necessidade de modernização industrial-burguesa.

21 O neoeurasianismo convive ainda com uma tendência “bizantinista”, semelhante em sua rejeição ao Ocidente, mas que identifica a Rússia com o Império Bizantino, e não com a cultura tribal da Ásia Central (LARUELLE, 2001). Sobre o neoeurasianismo, cf. Matos (2016) e Souza (2016).

22 “Alexandre Dugin nasceu em 7 de janeiro de 1962 em Moscou dentro de uma família de militares. No começo dos anos 80, sendo um dissidente do regime comunista [...], entrou em contato com pequenos grupos Tradicionalistas e com círculos político-literários de Moscou [...]. Suas ideias foram influenciadas, a partir dos anos 80, pela Nova Direita europeia e principalmente por Alain Benoist [...]. Dugin [...] é líder do Movimento Eurasiano Internacional e diretor do Centro de Pesquisas Conservadoras da Faculdade de Sociologia da Universidade Estatal de Moscou.” (DUGIN; CARVALHO, 2012, p. 8)

23 Tal estratégia possibilitaria a unificação das “civilizações telúricas”, baseadas na terra, contra as “civilizações atlânticas”. Para Dugin, essa oposição seria mais completa que a polaridade “trabalho x capital” (DUGIN; CARVALHO, 2012).

A recusa da Nova Direita de se denominar neofascista parece ser correta apenas no sentido da nostalgia dos fascismos históricos, dado que o sentido último da atuação dos intelectuais dessa vertente é um retorno a fundamentos autênticos que faria dos fascismos históricos apenas uma cópia falha de um projeto inacabado

mais ampla que o Estado-nação, ou seja, o império. A essa proposta costuma-se nomear terceira via entre esquerda e direita, entre o comunismo e o capitalismo, ou mesmo quarta via, entre o comunismo, o capitalismo liberal e o fascismo (DUGIN, 2012). Para De Benoist, todas essas alternativas atualizariam afinidades entre monoteísmo e dominação, contidas no princípio do igualitarismo universalista, originado do cristianismo, esse “bolchevismo da Antiguidade” (KEUCHEYAN, 2017).

Um segundo aspecto que aproxima De Benoist do Tradicionalismo, entendido como gnosticismo, é a busca por manter distância de cargos oficiais em governos, como forma de liberdade de ação e reserva moral de condução, se não profética, metapolítica, para a construção do projeto de mundo que defendem:

“o gnóstico coloca-se assim, logo à partida, na posição de um ser marginal, reduzido [...] a constituir comunidades paralelas e secretas que transmitirão a doutrina” (Lacarrière ...) [...]. Atentar contra o rei já não é atentar contra Deus. Atentar contra a natureza, alterando-a radicalmente, já não é atentar contra a ordem da criação, pois esta deixou de ter a marca divina. Portanto, só num mundo secularizado pode haver espaço e ambiente espiritual para o surgimento de alternativas na forma das religiões políticas de essência gnóstica. Nesse processo o intelectual tem um papel de relevo, pois a redenção do mundo faz-se por via do conhecimento do passado mas, sobretudo, da capacidade de “predizer como prosseguirá no futuro a história universal” (Voegelin ...). Essa personagem tem ainda a função essencial de “fazer parecer possível”, na expressão de Voegelin — um empreendimento fundamental no projeto gnóstico: “trata-se de superar a constituição do ser, com a sua origem no divino-transcendente, e de substituí-la por uma ordem do ser imanente ao mundo, cuja completude é dada

no âmbito do poder da ação humana. Trata-se de alterar de tal modo a estrutura do mundo, sentida como inadaptada, que dela surja um mundo novo e satisfatório.” (Vogelin ...) (VAZ, 2018, p. 8, 11, 12)

Assim, Alain de Benoist parece coordenar um trabalho de longo prazo e reservado, de bastidor, ao mesmo tempo que, periodicamente, se mantém bastante presente no debate público aberto e promove a renovação dialógica do seu pensamento, atualizando-o em um sentido cada vez mais orientado para o pragmático, na discussão de soluções factíveis para a política relacionada à imigração como direito à diferença, por exemplo, ou à construção democrática de comunidades locais ou regionais.

4. A NOVA DIREITA EUROPEIA: UM “FASCISMO CULTURAL E PÓS-MODERNO”?

Ao longo do presente texto chegamos a algumas constatações: o desenvolvimento da Nova Direita europeia, que, desde os anos 1960, orienta-se em torno de um projeto de influência cultural como base para uma mudança política mais profunda; projeto que tem, no pensamento e na atuação de Alain de Benoist, um dos principais vetores, através do “gramscismo de direita” e da problematização dos modelos capitalista e socialista de sociedade, bem como das ideologias e formas políticas ligadas ao liberalismo. Esse projeto cultural e político estaria orientado em pelo menos quatro sentidos:

1. filosófico: crítica ao individualismo e ao igualitarismo universalistas e afirmação de um elitismo baseado em um “diferencialismo” cultural e coletivismo federativo;
2. sociológico: a construção de um novo tipo de sociedade comunitária, baseada nos pressupostos das sociedades de castas;
3. histórico: a partir da crítica à ideia de progresso (DE BENOIST, 2008), a visão da história como circularidade ou eterno processo de reatualização dialética do passado — na verdade, o fim da cisão entre passado e presente;
4. político: a política é práxis baseada na atualização de mitos como instrumentos de mobilização coletiva²⁴, no sentido da contestação da luta de classes e manutenção de uma sociedade comunitária, mas não igualitária, em uma relação pretensamente equilibrada entre a aristocracia e o povo, contra o domínio das elites baseadas no poder do dinheiro.

Os pressupostos para essa proposta de nova sociedade foram buscados através da recuperação do legado da “revolução conservadora”, um conjunto plural de reflexões teóricas e políticas no início do século XX voltadas à superação da economia, do Estado e do individualismo modernos através da valorização de formas políticas e referências culturais do Oriente e do medievo ou da Antiguidade clássica europeia, como o império, o desejo de um senso de honra e organização aristocrática. Ao mesmo tempo, esse projeto de nova sociedade é atualizado na incorporação de temas con-

²⁴ A construção da política como mito remonta ao pensamento do sindicalista revolucionário Georges Sorel.

temporâneos caros à Nova Esquerda — a ecologia, a crítica ao capitalismo, ao racismo e ao colonialismo —, como fora expresso no manifesto *La Nouvelle Droite de l'an 2000* (DE BENOIST; CHAMPETIER, 1999).

É essa vinculação da Nova Direita ao legado da “revolução conservadora” que acaba por conduzir, necessariamente, a uma discussão sobre o caráter fascista ou neofascista desse movimento. Recentemente, um dos principais estudiosos da Nova Direita francesa, Tamir Bar-On, envolveu-se em uma polêmica direta com Alain de Benoist a respeito do tema, apesar dos protestos de De Benoist, que recusa com veemência a sua vinculação ao fascismo:

Em meu debate com De Benoist, argumentei que a visão de mundo da ND [Nova Direita] tem semelhanças com o fascismo, mas ela não usa da violência aberta [. As concepções características da ND são]: 1) antiliberalismo; 2) anticomunismo; 3) anticonservadorismo; 4) uma tentativa de criar uma cultura nova, moderna, autodeterminada e secular; 5) uma estrutura econômica nacional altamente regulamentada, multiclasse e integrada; 6) uma estrutura econômica que use o Estado para restringir [o poder] do capitalismo, bancos e corporações multinacionais; 7) um desejo por Estados nacionalistas (ou regionalistas); 8) o objetivo [de criação] do império; 9) o desejo de grandeza europeia no domínio geopolítico; 10) uma avaliação positiva de autores que legitimam a violência, como Carl Schmitt e Julius Evola; 11) uma ênfase nos aspectos emocionais e místicos da vida, incluindo tradições, símbolos indo-europeus e laços primordiais com a região, a nação ou a Europa; 12) uma visão orgânica da sociedade e extrema ênfase no princípio masculino²⁵ (BAR-ON, 2016a, s.p., tradução nossa).

De maneira parecida, Pierre-André Taguieff (TAGUIEFF, 1995) afirma que a defesa grecista do direito à diferença e da rejeição ao racismo biológico se realiza em nome de um princípio, qualificado de “mixofobia” (*mixophobia*): uma lógica de preservação da pureza através da rejeição de toda forma de mestiçagem, biológica ou cultural. As comunidades étnicas ou culturais seriam aceitas em território francês desde que a partir de uma divisão em espaços comunitários distintos, separando os diferentes imigrantes e a população francesa no interior das cidades. O Grece, portanto, manteria características fundamentais do pensamento de extrema-direita: a defesa das diferenças de identidade cultural, em uma construção política que não se volta a uma reprodução dos nacionalismos centralizados, mas a uma fragmentação em comunidades regionais, baseada em uma Europa consciente da sua unidade como cultura e etnia.

O anticapitalismo da Nova Direita, por sua vez, reatualizaria os antigos valores aristocráticos idealizados contra a dominação econômica do capitalismo; valores também presentes como fundamento teórico dos primeiros registros históricos

²⁵ A respeito da ênfase nos valores masculinos, alguma ponderação pode ser feita diante da afirmação da igualdade entre sexos no manifesto *La Nouvelle Droite de l'an 2000* (DE BENOIST; CHAMPETIER, 1999), mas a discussão proposta no manifesto não rompe com certa visão conservadora naturalizada sobre direitos e valores femininos e masculinos.

do fascismo (embora De Benoist critique a adesão dos fascismos corporativistas aos interesses da burguesia). O anticapitalismo da Nova Direita se coaduna com valores antiprodutivistas das propostas ecológicas de contenção do crescimento econômico, forma de compatibilizar comunidades regionais equilibradas (biorregionalismo)²⁶ com princípios espirituais neopagãos de relação com a natureza que, por sua vez, remontam à versão da história como regeneração de raízes étnico-culturais indo-europeias, também presente nas primeiras formas do fascismo.

No mesmo sentido, para Griffin (1980; 2000; 2012), a Nova Direita visa conservar uma “visão de mundo fascista” durante o longo interregno do pós-Segunda Guerra, forjando um novo consenso e uma nova onda de mobilizações. Já para Keucheyan (2017), a conversão da extrema-direita em “direita respeitável” é parte desse percurso, no qual Alain de Benoist tem papel fundamental. Em consonância com essas visões, Tamir Bar-on sintetiza:

Em meu *Rethinking the French New Right*, propus quatro interpretações da ND: 1) a ND como um movimento neofascista criado para tempos antifascistas; 2) um desafio ao espectro político tradicional de direita-esquerda; 3) uma variante da modernidade alternativa dentro de uma estrutura modernista mais ampla (ou seja, os pensadores da ND buscam alternativas revolucionárias para as variantes liberais e socialistas da modernidade, em vez de destruir todos os aspectos da modernidade); e 4) uma espécie de “religião da política” no contexto de uma era mais secular. É minha opinião que os pensadores da ND incorporam todas as quatro ferramentas conceituais (BAR-ON, 2016a, s.p., tradução nossa).

A reinterpretção da “revolução conservadora” como legado nacional-revolucionário seria uma tentativa, de um lado, de se distanciar dos fascismos históricos, mas, de outro, de retomar princípios espiritualistas ou Tradicionalistas, pressupostos não plenamente desenvolvidos ou corrompidos pelas experiências dos fascismos históricos. Ou seja: a Nova Direita estaria além dos fascismos históricos, na medida em que estes se distanciaram de um pretense projeto original de reformulação da sociedade, do qual a “revolução conservadora” é a fonte. Isso significaria, ao mesmo tempo, que a recusa da Nova Direita de se denominar neofascista parece ser correta apenas no sentido da nostalgia dos fascismos históricos, dado que o sentido último da atuação dos intelectuais dessa vertente é um retorno a fundamentos autênticos que faria dos fascismos históricos apenas uma cópia falha de um projeto inacabado.

Sendo assim, a Nova Direita corresponderia ao desenvolvimento de uma tática cultural — orientada menos diretamente à ação política, disseminando seus princípios de maneira direta e indireta, através da mídia e do mercado editorial — e “pós-moderna” — em sua colagem de diferentes aspectos temáticos e conceituais da esquerda e da direita. O principal objetivo dessa tática seria preservar e disseminar uma constelação ideológica, a da “revolução conservadora”, retirando-a de suas vinculações com formas

²⁶ Para uma distinção dessa tendência de pensamento em relação ao anarquismo, cf. Pelletier (2008).

de realização histórica concreta consideradas equivocadas e, ao mesmo tempo, atualizando-a através de sua conexão com novos repertórios políticos.

Mas como incluir, sem ressalvas, o pensamento de Alain de Benoist no campo do (neo)fascismo, se lhe falta justamente a valorização da violência, do racismo, do nacionalismo e da submissão do indivíduo a um Estado de viés totalitário? As posições de Bar-On, Taguieff, Griffin e Keucheyan nos parecem pertinentes, mas não encerram a discussão, visto que é precisamente a conceituação, mais ampla ou restrita, do que é o fascismo que está em jogo. Somente uma análise mais sistemática sobre o fascismo e sua natureza, em conjunto com uma leitura mais profunda e ampliada das propostas da Nova Direita, poderia trazer mais luz a essa questão. No presente texto apenas indicamos pistas a serem perseguidas posteriormente nessa direção.

* Professor do curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), em Redenção, no Ceará. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), com doutorado sanduíche no Centre de Recherches Sociologiques sur le Droit et les Institutions Pénales (Cesdip), da Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, França. Bacharel em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). *E-mail*: fvasconcelos@unilab.edu.br

► Texto recebido em 16 de agosto de 2021; aprovado em 17 de dezembro de 2022.

ALEKSEEVICH, Kanaev Artem. **Ernst Nikish, nacional bolchevismo e a União Soviética**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) —Universidade de São Petersburgo, São Petersburgo, 2020.

ANTÓN-MELLÓN, Joan. The idées-force of the European New Right: a new paradigm?. In: MAMMONE, Andrea; GODIN, Emmanuel Godin; JENKINS, Brian. **Varieties of right-wing extremism in Europe**. London: Routledge, 2013. p. 67-82.

AUGUSTO, André Guimarães. Visão de mundo aristocrática e a contrarrevolução conservadora. **Niep-Marx**, 2017. Disponível em: <www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC45/mc453.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

BAR-ON, Tamir. Debating with the Nouvelle Droite: what did I learn?. **Sicherheitspolitik**, 22 mar. 2016a. Disponível em: <www.sicherheitspolitik-blog.de/2016/03/22/debating-with-the-nouvelle-droite-what-did-i-learn>. Acesso em: 7 ago. 2021.

_____. The ambiguities of the Nouvelle Droite, 1968-1999. **The European Legacy**, v. 6, n. 3, p. 333-351, 2001.

_____. The French New Right's quest for alternative modernity. **Fascism**, v. 1, n. 1, p. 18-52, 2012.

_____. **Where have all the fascists gone?**. London: Routledge, 2016b.

BERNARDO, João. **Labirintos do fascismo**. 1998. Tese (Doutorado) — Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 1998.

BOULHOSA, Patricia Pires. A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade. **Brathair**, v. 6, n. 2, p.3-31, 2006.

BOUTIN, Christophe. L'extrême droite française au-delà du nationalisme (1958-1996). **Revue Française d'Histoire des Idées Politiques**, p. 113-159, 1996.

BREUER, Stefan. **Anatomie der konservativen Revolution**. Darmstadt: WBG Academic, 1993.

BUELA, Alberto. Que es metapolítica. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**, v. 41, n. 2, 2013.

CAMUS, Jean-Yves. Alain de Benoist and the New Right. In: SEDGWICK, Mark (Ed.). **Key thinkers of the radical right: behind the new threat to liberal democracy**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

COLLINS, Jacob Joseph. Toward a white nationalist Europe: the archaic fantasies of Alain de Benoist. In: COLLINS, Jacob Joseph. **The anthropological turn**. University of Pennsylvania Press, 2020. p. 37-78.

CRÉPON, Sylvain. Le Grece et la question ethnique : du nationalisme au communautarisme. **Raison Présente**, n. 174, p. 77-88, 2010. Disponível em: <www.persee.fr/doc/raipr_0033-9075_2010_num_174_1_4229>. Acesso em: 17 dez. 2021.

DE BENOIST, Alain. A brief history of the idea of progress. **The Occidental Quarterly**, v. 8, n. 1, spring 2008.

_____. **Comment peut-on être païen?**. Paris: Albin Michel, 1981.

_____. **Demain, la décroissance!**: penser l'écologie jusqu'au bout. Paris: E-dite, 2007.

_____. El burgués: paradigma del hombre moderno. Tradução G. Morante. **El Manifiesto**, v. 1, n. 1, p. 41-60, 2004.

_____. **Europe, Tiers Monde, même combat**. Paris: R. Laffont, 1986.

_____. **Les idées à l'endroit**, Paris: Libres-Hallier, 1979.

_____. Le totalitarisme raciste. **Éléments**, n. 33, p. 13-20, fev.-mars 1980.

- _____. Pour un "gramscisme de droite". In: COLLOQUE NATIONAL DU GRECE. Paris: **Le Labyrinthe**, 1982.
- _____. Qu'est-ce que le nationalisme?. **Grece**, p. 1-15, mars 1966.
- _____. **Vu de droite**. Paris: Copernic, 1977.
- _____; CHAMPETIER, Charles. *La Nouvelle Droite de l'an 2000*. **Éléments**, v. 94, p. 10-23, 1999.
- DUGIN, Aleksandr. **A Quarta Teoria Política**. Tradução Fernando Fidalgo, Gustavo Bodaneze, Raphael Machado. Curitiba: Austral, 2012.
- _____; CARVALHO, Olavo de. **Os EUA e a nova ordem mundial: um debate entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho**. Campinas: Cedet, 2012.
- DUMÉZIL, Georges. **Le festin d'immortalité**: esquisse d'une étude de mythologie comparée indo-européenne. Paris: Geuthner, 1924.
- DUPEUX, Louis. La Nouvelle Droite "révolutionnaire-conservatrice" allemande et son influence sous la République de Weimar. **Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine**, v. 41, n. 3, p. 471-488, 1994. Disponível em: <www.jstor.org/stable/20529989>. Acesso em 29 maio 2021.
- _____. (Dir.). **La "révolution conservatrice" sur l'Allemagne de Weimar**. Paris: Kimé, 1992.
- _____. **National-bolchevisme en Allemagne sous la République de Weimar**: stratégie communiste et dynamique conservatrice. Essai sur les différents sens de l'expression "national-bolchevisme". Paris: Diffusion H. Champion, 1976.
- DURANTON-CRABOL, Anne-Marie. La "Nouvelle Droite" entre printemps et automne (1968-1986). **Vingtième Siècle**, n. 17, p. 39-50, janvier-mars 1988. Disponível em: <www.persee.fr/doc/xxs_0294-1759_1988_num_17_1_1957>. Acesso em: 7 ago. 2021.
- ÉLÉMENTS. **La Nouvelle Droite à visage découvert**. Dossier, n. 31, août 1979.
- EVOLA, Julius. **Entrevista completa de Julius Evola em 1971**. Julius Evola Maçom da Seita Judaica, 2021, 67 min. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=5BWDGqUV2kl>. Acesso em: 14 ago.2021.
- _____. **Il fascismo**: saggio di una analisi critica dal punto di vista della destra. S.l.: *Arktos*, 2013.
- _____. **Imperialismo pagano**. Todi-Roma: Atanor, 1928.
- _____. **Notes on the Third Reich**. S.l.: *Arktos*, 2013.
- FAYE, Guillaume. **Guerre civile raciale**. Paris: Éditions Conversano, 2019.
- _____. **L'archéofuturisme**. Paris: L'Encre, 1998.
- _____. **La colonisation de l'Europe**: discours vrai sur l'immigration et l'Islam. Paris: L'Encre, 2000.
- _____. **La nouvelle question juive**. Paris: Le Lorre, 2007.
- FRANÇOIS, Stéphane. Guillaume Faye and archeofuturism. In: SEDGWICK, Mark (Ed.). **Key thinkers of the radical right**: behind the new threat to liberal democracy. Oxford University Press, 2019. 91-101.
- _____. La Nouvelle Droite et l'écologie: une écologie néopaïenne?. **Parlement[s]**, n. 2, p. 132-143, 2009.
- _____. La Nouvelle Droite et le nazisme: retour sur un débat historiographique. **Revue Francaise d'Histoire des Idees Politiques**, n. 2, p. 93-115, 2017.
- _____. Le néo-paganisme et la politique: une tentative de compréhension. **Raisons Politiques**, n. 1, p. 127-142, 2007.

_____. Les paganismes de la Nouvelle Droite (1980-2004). **Science politique**. Université du Droit et de la Santé — Lille II, 2005.

GONDINET, Georges. Les ambiguïtés du gramscisme de droite. **Totalité**, n. 10, novembre-décembre 1979.

GRIFFIN, Roger. Between metapolitics and apoliteia: the Nouvelle Droite's strategy for conserving the fascist vision in the "interregnum". **Modern & Contemporary France**, v. 8, n. 1, p. 35-53, 2000.

_____. France's New Right. **Commentary**, v. 69, n. 3, p. 49, 1980.

_____. Studying fascism in a postfascist age: from new consensus to new wave?. **Fascism**, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2012.

KEUCHEYAN, Razmig. Alain de Benoist, du néofascisme à l'extrême droite "respectable". **Revue du Crieur**, n. 1, p. 128-143, 2017.

KLEMPERER, Klemens. Towards a Fourth Reich?: the history of national bolshevism in Germany. **The Review of Politics**, v. 13, n. 2, p. 191-210, 1951.

LALOUP, Jean. A propos de la Nouvelle Droite. **Revue Théologique de Louvain**, n. 2, p. 139-156, 1980. Disponível em: <www.persee.fr/doc/thlou_0080-2654_1980_num_11_2_1762>. Acesso em: 17 dez. 2021.

LAMY, Philippe. Le Club de l'Horloge (1974-2002): évolution et mutation d'un laboratoire idéologique. 2016. PhD Thesis — University of Paris 8 Vincennes-Saint-Denis, 2016.

LARUELLE, Marlène. Histoire d'une usurpation intellectuelle: L. N. Gumilev, le dernier des eurasistes?. Analyse des oppositions entre L. N. Gumilev et P. N. Savickij. **Revue des Études Slaves**, p. 449-459, 2001.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia., 1954.

LÊNIN, Vladímir Ilich. **Que fazer?**: problemas candentes do nosso movimento. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUKÁCS, György. Concepção aristocrática e concepção democrática de mundo. In: _____. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

LUKS, Leonid. Die Ideologie der Eurasier im zeitgeschichtlichen Zusammenhang. **Jahrbücher für Geschichte Osteuropas**, n. 3, p. 374-395, 1986.

MATOS, Didimo. O neoeurasianismo e o despertar russo. **Revista de Geopolítica**, v. 3, n. 2, p. 71-79, 2016.

MOHLER, Armin. **Die konservative Revolution in Deutschland 1918-1932**. Vorwerk: Ares Verlag, 1950.

MERLIO, Gilbert. Y a-t-il eu une "révolution conservatrice" sous la République de Weimar?. **Revue Française d'Histoire Des Idées Politiques**, n. 17, p. 123-141, 2003. Disponível em: <www.jstor.org/stable/24610230>. Acesso em: 1 jun. 2021.

NYMETH, Herbert Frey. Alain de Benoist : su vida y la influencia de la revolución conservadora como determinantes de su pensamiento. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. 64, n. 236, p. 291-310, 2019.

PELLETIER, Philippe. "Indigènes de l'Univers": des anarchistes et le territoire. **Réfractio**, autumn 2008. Disponível em: <<https://refractions.plusloin.org/IMG/pdf/2102.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2021.

POLANYI, Karl. The essence of fascism. In: LEWIS, John et al. (Ed.). **Christianity and the social revolution**. New York: Ayer Co. Pub., 1935. p. 359-394.

SCHLEMBACH, Raphael. Alain de Benoist's anti-political philosophy beyond left and right: non-emancipatory responses to globalisation and crisis. **University of Brighton**, 2013. Disponível em: <<https://research.brighton.ac.uk/en/publications/alain-de-benoists-anti-political-philosophy-beyond-left-and-right>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

SEDGWICK, Mark (Ed.). **Key thinkers of the radical right**: behind the new threat to liberal democracy. Oxford: Oxford University Press, 2019.

_____. **Contra o mundo moderno**: o Tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Ayiné, 2020.

SHEEHAN, Thomas. Myth and violence: the fascism of Julius Evola and Alain de Benoist. **Social Research**, p. 45-73, 1981.

SOUZA, Danilo Rogério de. A nova geopolítica russa e o eurasianismo. **Revista de Geopolítica**, v. 3, n. 2, p. 61-70, 2016.

SPEKTOROWSKI, Alberto. The ideological roots of right-wing ethno-regionalism and the civic republican critique. **Politics and Ethics Review**, v. 3, n. 2, p. 253-277, 2007.

_____. The intellectual New Right, the European radical right and the ideological challenge to liberal democracy. **International Studies**, v. 39, n. 2, p. 165-182, 2002.

_____. The New Right: ethno-regionalism, ethno-pluralism and the emergence of a neo-fascist "third way". **Journal of Political Ideologies**, v. 8, n. 1, p. 111-130, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13569310306084>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

SPENGLER, Oswald. **A decadência do Ocidente**. Brasília: Editora UnB, 1986.

_____. **Preussentum und Sozialismus**. München: C. H. Beck, 1924.

TAGUIEFF, Pierre-André. Face à l'immigration: mixophobie, xénophobie ou sélection: un débat français dans l'entre-deux-guerres. **Vingtième Siècle**, n. 47, p. 103-131, juillet-septembre 1995.

_____. Origines et métamorphoses de la Nouvelle Droite. In: **Vingtième Siècle**, n. 40, p. 3-22, octobre-décembre 1993. Disponível em: <www.persee.fr/doc/xxs_0294-1759_1993_num_40_1_3005>. Acesso em: 7 ago. 2021.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

TUCKER, William R. The new look of the extreme right in France. **Western Political Quarterly**, v. 21, n. 1, p. 86-97, 1968.

WIEDERKEHR, Stefan. "Conservative revolution" à la russe?: an interpretation of classic Eurasianism in a European context". **Revue d'Histoire Européenne Contemporaine**, v. 15, n. 1, p. 72-84, 2017. Disponível em: <www.jstor.org/stable/26266271>. Acesso em: 29 maio 2021.

WOLFF, Elisabetta Cassini. Evola's interpretation of fascism and moral responsibility. **Patterns of Prejudice**, v. 50, n. 4-5, p. 478-494, 2016.

WOLIN, Richard. Political Excursus II. Designer fascism: on the ideology of the French New Right. In: _____. **The seduction of unreason**: the intellectual romance with fascism from Nietzsche to postmodernism. Princeton: Princeton University Press, 2019. p. 256-277.

VENNER, Dominique. **Pour une critique positive**. Paris: Éditions Saint-Just, 1964.

VAZ, João José. **De Alexandria ao identitarismo**: presenças gnósticas na direita radical contemporânea. Dissertação (Mestrado em Estudos sobre a Europa) —Universidade Aberta, Portugal, 2018.